

RENOVAÇÃO E/OU REPETIÇÃO NO TEMA DA MULHER IDEALIZADA HOJE

Helena Parente Cunha

Há temas literários que repercutem mais intensamente em nossa sensibilidade, por razões que muitas vezes desconhecemos. No meu caso particular, entre os temas preferidos, figura a idealização da mulher, tornada objeto de enaltecimento do amador por suas magnas virtudes e beleza ímpar, despertando sentimentos de devoção como a um ser sagrado.

Muito me surpreende a permanência deste amor luminoso presente em boa parte da poesia amorosa do Ocidente, ao longo dos séculos, desde as canções dos trovadores medievais, culminadas com o Dante lírico e o lírico dissídio de Petrarca. Seria difícil enumerar todos os seus seguidores famosos, como Camões, Gôngora, passando no Brasil pelo barroco Gregório de Matos, o árcade Tomás Antônio Gonzaga, o romântico Álvares de Azevedo, além de simbolistas do porte de Alphonsus de Guimaraens e poetas contemporâneos, incluindo-se a insistente presença temática, mesmo na música popular brasileira, nas canções para seresta, por exemplo. Quem não se lembra de “Rosa”, “estátua majestosa”, composição de Pixinguinha? O que me parece mais intrigante é verificar a representação da mulher divinizada na MPB de hoje, contemporaneamente à admiração das deusas das passarelas e à exaltação dos corpos nus, em poses belamente sensuais ou desconcertantemente pornográficas.

Para a nossa pós-modernidade, marcada pela emancipação sexual e por um desenfreado hedonismo, surpreende a presença deste filão temático. Algo muito profundo, no mundo psíquico e no imaginário da humanidade, sobrevive ao longo dos tempos.

Daí, minha indagação: esta idealização se realizaria através de modelos estereotipados? Haveria alguma renovação ou simples repetição de imagens?

Apesar do poder descentralizador das referências estáveis do passado e das imensas transformações operados no âmbito social e político, inclusive no tocante às questões de gênero, muitos estereótipos que formataram e estigmatizaram a visão do feminino, ainda perduram, mantendo as desigualdades, as hierarquias e gerando conflitos, devido aos avanços alcançados na conquista dos direitos da mulher.

Os estudos sobre a temática de gênero vêm recebendo cada vez mais visibilidade em instituições públicas e privadas e na sociedade como um todo. A desconstrução do discurso misógino avança, embora muito se ressinta das marcas deixadas pela formação sexista hierarquizada que ainda prevalece através dos preconceitos da dominação, em muitos contextos brasileiros.

Na idealização, não me parece haver influência do modelo estereotipado da mulher submissa que devia obediência ao poder masculino, correspondendo às suas exigências de bem servir, pilotando o tanque e o fogão, além da disponibilidade na cama. Se considerarmos a origem da palavra estereótipo, verificaremos que o vocábulo grego *stereós* significa firme, compacto, imóvel, constante. E *týpos* remete a sinal, molde, representação. Na linguagem das ciências sociais, o estereótipo relaciona-se a um conjunto, a um corpo fixo de idéias ou expectativas sobre determinado grupo de pessoas (mulheres, negros, estrangeiros ou outros grupos), conjunto este que, ao ser aplicado a cada membro desse grupo, exclui sua subjetividade. Por seu caráter de resistência, vai se estabelecendo como imutável. Assim, a partir do estereótipo, se criam paradigmas de aceitação/não-aceitação, que valem tanto para indivíduos, como para atitudes e comportamentos.

Pergunto: pode-se admitir a constância da representação idealizadora da mulher como algo pertencente a um corpo fixo de idéias ou algo imutável que resiste e se repete ao longo dos séculos? A exemplo de uma essência alheia às vicissitudes históricas? Ou, de acordo com a concepção de gênero, seria uma atribuição privilegiada dedicada à mulher pelas ideologias masculinas? A rainha do lar do credo positivista, mesmo entronizada no altar da santa, em muitos casos, entraria no rol das variações em torno do estereótipo da mulher trancafiada na casa e submissa ao homem.

Segundo afirmei no início deste artigo, a representação idealizadora da mulher, sempre atraiu minha atenção. Já elaborei alguns ensaios sobre este tema que me acompanha há anos. Agora me vejo novamente provocada, sobretudo a partir de reflexões no tocante às estratégias de gênero.

Pelo viés psicanalítico, a noção de estereótipo se acha associada ao processo de “repetição”. Ao tratar do caso de Dora, Freud voltou-se para a recordação dos acontecimentos passados da paciente, em torno dos quais formulou o conceito de repetição, que desenvolveu no ensaio “Recordar, repetir e elaborar”¹ como modalidade de algo que se reproduz, não como lembrança, mas como ação. Algo do que o paciente esqueceu e reprimiu, ele expressa, sem saber que está repetindo o que, em tese, “esqueceu”. Nosso inconsciente retém, no plano do recalçado, conteúdos ignorados no nível da consciência.

Que poderoso desejo inconsciente estaria oculto nos mais profundos subterrâneos psíquicos, a se manifestarem ao longo do espaço e do tempo, através de sucessivas “repetições”? Que força é esta que faz com que, numa representação poética de Jorge de Lima, por exemplo, se repita pela vida afora do sujeito poético a recordação da mucama (representante da mãe no inconsciente) que cuidou do menino no engenho, despertando seus primeiros investimentos libidinais? Cito fragmentos do poema “Ancila negra”, inspirado no poder encantatório da “maga primeira”, do “anjo negro”.

Há muita coisa a recalcar e esquecer:

Depois: nunca mais os signos do regresso.

Para sempre: tudo ficou como um sino ressoando.

E eu parado em pequeno,

Mandingando e dormindo,

Muito dormindo mesmo.²

Que movimento é este que leva o seiscentista Gregório de Matos, o desbocado Boca do Inferno, a cantar belezas celestiais? Tendo celebrado muitas vezes os encantos da mulata Teresa, termina um dos poemas com esta declaração:

A minha alma então prostrada
Diante da imagem vossa,
Não só quem vos ama, víreis,
Mas também quem vos adora.³

Um exemplo da tendência à maximização das imagens em Castro Alves, encontro nos versos finais do poema “Pensamento de amor”:

Eu te direi, mulher dos meus amores
Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!⁴

Chamo a atenção para um outro poema de Castro Alves, “Dalila” que, embora inspirado por uma cortesã, não escapou das imagens idealizadoras:

E amamos – Este amor foi um delírio...
Foi ela minha crença, foi meu lírio,
Minha estrela sem véu...
Seu nome era o meu canto de poesia,
Que com o sol – pena de ouro – eu escrevi
Nas lâminas do céu.⁵

E o que dizer quando encontramos esta mesma postura idealizante em letras da música popular mais atual, a exemplo deste fragmento de um compositor jovem como Jorge Vercilo? Cito fragmentos de “Raios da manhã”:

Teu amor
É clarão no breu
Eu me sento nas estrelas
E bebo do Graal
Um simples mortal
Provando os licores do céu.⁶

Mais do que nos exemplos mencionados acima, neste último, num tom quase religioso, as metáforas grandiosas sugerem o amor elevado a

caminho para crescimento da alma e redenção do amante, representado em contrastante condição de inferioridade, mas detentor do privilégio de amar.

A postura do sujeito poético ante a mulher idealizada ultrapassa os contornos periodológicos da história, porque se fundamenta nos mesmos fatores psíquicos associados a aspectos essenciais de nossa vida. Não foram poucas as tentativas para procurar explicar algo do profundo anseio que levaria a idealizar a mulher, propiciando-lhe a condição de corresponder ilusoriamente ao insaciável e inconsciente desejo do objeto perdido.

O eterno retorno freudiano

Vou recorrer a subsídios oferecidos por aspectos do pensamento freudiano. Quando cessam as alucinações da completude fálica do narcisismo primário, o desejo, ao começar a mover o psiquismo, na vã procura do objeto da vivência de satisfação e do paraíso fusional, um dos infinitos caminhos em busca da meta almejada, aponta para a mulher idealizada, ser perfeito, criado pela fantasia e capaz de completar o eu castrado e faltante.

A psicanálise estuda, no plano do desejo, a beatitude paradisíaca das origens. Perdem-se o paraíso do estágio pré-natal e o da fase do narcisismo primário. O trauma do nascimento faz parte dos mecanismos de separação da totalidade vivida no útero ou alucinada na onipotência narcísica. Os primeiros cortes fatais deixam feridas que alimentam a falta e geram o desejo.

Importante ressaltar que uma das profantasias ou fantasias originárias é a vida intra-uterina. Na quietude do útero, o feto (ou o embrião) goza do estado de fusão com o corpo materno. No inconsciente, o desejo de retorno ao útero corresponde à retomada do estado de plenitude, da anulação do movimento desejante e sua quietude de morte e, portanto, proibido pelo castrador princípio da realidade.

A criatura humana vem à luz despreparada e só às custas de muito sofrimento consegue uma adaptação mais ou menos regular, perma-

necendo de fato, para sempre, um estrangeiro, longe da pátria mãe. Considerando o narcisismo como centro do nosso ego, admitimos, na experiência do narcisismo primário, o estabelecimento de um lastro fundamental em nossa estruturação psíquica.

Agredido pela violência de uma realidade tão diversa da vivida no abrigo primordial, o desordenado psiquismo do recém-nascido refaz o útero e o elo que lhe garantia a unidade com o corpo materno. Mediante esta elaboração fantasmática do narcisismo primário, o bebê nega o corte e vive alucinatoriamente suas imperecíveis experiências de satisfação.

Este reino da onipotência fálica se desmorona com a invasão do princípio da realidade. Ao assumir a falta e a incompletude, o desamparo e a luta para sobreviver no mundo adverso, o sujeito jamais abandonará os sonhos do paraíso fusional uterino, aonde, parafraseando o mito do eterno retorno, ele espera, inconscientemente, chegar de volta um dia.

O superego, instância responsável pela censura, instigador da rigorosa consciência moral, reclama a todo custo a perfeição do ego. O superego guarda estreitas vinculações com o ego ideal, formulação que Freud apresenta em “Narcisismo, uma introdução”, e que mostra os caminhos tomados pela libido, após o desaparecimento da onipotência narcísica da infância. O narcisismo se desloca para o ego ideal, dotado de todas as perfeições já ilusoriamente vividas nos primórdios.

O inconsciente conserva os objetivos do princípio do prazer subjulgado e possibilita o processo do retorno do recalcado, segundo o qual os conteúdos recalcados, nunca destruídos, conseguem retornar, embora deformados. Este processo nos remete à compulsão à repetição que tende a restaurar um estado anterior de coisas, o qual a entidade viva foi obrigada a abandonar e recalcar.

A busca da fusão narcísica com o outro (representante da mãe no inconsciente) revela assim o desejo do ego de extinguir os choques com o mundo e retornar ao repouso sem tensões da vida intra-uterina. Mesmo que algumas teorias desloquem o paraíso perdido da vida intra-uterina para a relação anterior ao desmame, nada se altera no tocante ao cerne da questão.

Freud recorre ao conhecidíssimo mito da origem da sexualidade, narrado por Aristófanes no *Banquete*. Interessa destacar que, após o cumprimento do castigo imposto por Zeus, cada uma das duas partes divididas deseja sua outra metade, ansiosas por se fundirem. Freud acrescenta que a mesma teoria já se encontrava nos *Upanixades*, a propósito também das origens. Um homem solitário, do tamanho do marido e da mulher juntos, desejou uma companhia e fez o seu eu dividir-se em dois, surgindo o esposo e a esposa.

Esses dois exemplos míticos se relacionam com a tendência humana para retornar a um estado anterior de coisas, no movimento da compulsão à repetição. Na união sexual, a busca da fusão com o outro (representante da mãe no inconsciente) revela assim o desejo do ego de reviver a beatitude paradisíaca do primitivo estado fusional e da onipotência fálica. Seria uma versão do mito do eterno retorno.

A libido narcísica, ao reinvestir os objetos, infunde neles sua especificidade, a perfeição, que a mulher idealizada, duplo do ego ideal, absorve na sua vida fictícia e, estimulando a ilusão de preenchimento da falta, neutraliza o desejo.

Versões idealizadoras

Transcrevo por inteiro um soneto do simbolista Alphonsus de Guimaraens que ilustra de modo superlativo a exaltação idealizadora da amada, vista pelo sujeito poético na forma de santa e duplo camuflado da mãe onírica:

Hei de sempre adorá-la, hei de querê-la,
 E não por ser mulher, mas como imagem;
 Sempre a seus pés, sem me cansar de vê-la
 [...] Seja tudo por ela. É santa. Fê-la
 De astros e luz Deus Pai: serei um pajem
 Que [...] caminha, superior à vilanagem.
 [...] Santo talvez, se um homem vil pudesse
 Subir tão alto, e lá do eterno pouso
 Mandar-lhe a Alma sagrada pela prece.⁷

A mulher se transfigura em imagem e miragem – é santa, feita de astros e luz, é estrela. Enquanto a amada, desprovida de qualquer atributo humano, permanece imóvel, o amante se mobiliza, em função dela: adora, prostra-se a seus pés, não se cansa de vê-la, segue atrás da miragem, é pajem, acólito, enfim, expressa desejos. Por amar a deusa, sente-se superior à vilanagem, “santo talvez”. O “homem vil” da esfera consciente, inconscientemente se vê tão santo quanto a santa dos seus amores, satisfazendo ao superego que quer a perfeição do ego, alcançada nesta grandiosa realização do ego ideal. Segundo Freud, a pessoa ama o que é, o que foi, o que quisera ser. No soneto, flagra-se o movimento desejante do sujeito poético que, num delirante jogo de espelhos, ama a santa, quisera ser santo, acaba supondo-se santo. O desejo de subir ao “eterno pouso” para a união das almas, alucinatoriamente, reconstrói o paraíso fusional.

A mulher idealizada seria, portanto, uma fantasia substituta do imorredouro objeto perdido, configurada graças a uma complexa elaboração do aparelho psíquico. Esta mulher dos sonhos representa a mãe dos primórdios, por sua vez representada ainda por meio da representação fantasmática da mãe da triangulação edípica, também objeto de um desejo proibido, tornado impossível, graças intransigência da Lei do Pai. A mulher idealizada resulta da sublimação do desejo proibido de se unir à figura materna, recuperando o paraíso dos primórdios e perdido para sempre.

Se compararmos a conhecidíssima valsa “Rosa” de Pixinguinha e Otávio de Souza, datada de 1937, à exaltação do poeta simbolista citado, veremos a mesma postura de devoção ao ser superior, objeto do mais santo amor, “divina e graciosa”, “por Deus esculpura”, “forma ideal”, “láctea estrela”, “unção de tua gratidão”. Cito fragmentos:

Tu és, divina e graciosa, estátua majestosa do amor
 Por Deus esculpura
 [...] És láctea estrela, és mãe da realeza
 És tudo enfim que tem de belo
 Em todo resplendor da santa natureza
 Perdão, se ousou confessar-te eu hei de sempre amar-te [...] ⁸

Lembro um poeta contemporâneo, o baiano Ruy Espinheira Filho, no “Soneto do corpo”, do qual cito versos. À feição do antigo trovador, também, na medida em que exalta a amada, se deprecia e rasteja:

Corpo de sol e mar, não me pertences.
 Não me pertences – e, no entanto, em mim
 Ondeias e marulhas num sem fim
 De amavio. E cintilas, e me vences,
 E me submetes – eu, o siderado
 A teus pés; eu, o pobre; eu, o esquecido;
 Eu, o último; o morto – e o renascido!
 Tudo por teu poder, ó iluminado
 Corpo de brisa e pólen, ventania
 E pedra! [...].⁹

As amadas idealizadas muitíssimas vezes eram e são representadas nas vestes de mensageiras do eterno, intermediárias da divindade ou a própria divindade surgida em forma de mulher, o que acontece, mesmo neste agora, em que muitos homens e mulheres temem o amor e, em nome de uma proclamada e suposta liberdade, se recusam a aceitar compromissos e vínculos considerados aprisionantes. Inseridos e inscritos na voragem do consumismo, preferem relacionamentos episódicos ou, melhor dizendo, de acordo com o jargão em vigor, relacionamentos descartáveis.

Zygmunt Bauman, no livro *Amor líquido*, traça desalentador panorama deste ângulo da nossa pós-modernidade em que, sem tempo para vivenciar as emoções do amor, o homem e a mulher optam pelo mais rápido “sexo em si” ou sexo pelo sexo, como enganosa resposta ao imorredouro desejo de união e fusão total.

Para Bauman, a modalidade do que ele denomina “amor líquido” está em consonância com a líquida razão pós-moderna que, nos compromissos duradouros, enxerga a opressão. Os consumidores ávidos rejeitam os vínculos afetivos “como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido”.¹⁰ O uti-

litarismo do *homo consumens* não permite que ele acumule bens, ao contrário, preconiza que os use e, em seguida se descarte deles. Como os líquidos amores que se desfazem antes de ensaiar algum laço, por frouxo que seja.

No entanto, em plena orgia do consumismo, nesse oba-oba do descartável, algo permanece por pertencer a valores eternos que não se deixam poluir. Muitas vozes continuam cantando os louvores da mulher amada, elevada ao nível de estrela guia ou farol, como faz Caetano Veloso, entre muitas canções, no começo de “Minha voz, minha vida”:

Minha voz, minha vida
 Meu segredo e minha revelação
 Minha luz escondida
 Minha bússola e minha desorientação
 Se o amor escraviza
 Mas é a única libertação¹¹

A incidência de paradoxos neste fragmento, ao mesmo tempo em que se negam e se afirmam, apontam para as contradições do amor (segredo x revelação; bússola x desorientação; escraviza x libertação). Também desde Petrarca e os petraquistas, inclusive Camões, o amor vem sendo representado através de afirmações e negações que se excluem e se somam (“Amor é um fogo que arde sem se ver / é ferida que dói e não se sente / é um contentamento descontente” etc. etc.). É bom não esquecer que, neste caso, o recurso retórico do paradoxo serve para expressar as contradições do amor (falo sobretudo do amor sentimento romântico), mas, por outro lado, num outro contexto, resume de modo superlativo as tendências instáveis da pós-modernidade.

Seria impossível mencionar todas as canções da nossa MPB em que a mulher é exaltada nos moldes de ser dotado de poderes quase sobrenaturais. A propósito, retornei mais uma vez ao compositor Jorge Verçilo, apenas para citar um verso da canção “Mão do destino”: “por ela a própria luz se iluminava”, o que me faz lembrar um outro, também significativo, de Marcus Vianna, em “Maktub”: “Teu olhar é luz que ilumina e cega”.

Chamo a atenção para a profusão de imagens místicas e/ou luminosas, apontando para o enaltecimento da mulher ou do amor, o que nestes casos vem dar no mesmo, a exemplo de “Meu primeiro amor” de César Augusto e Piska:

Meu primeiro amor
Tem raios de luz
O verde do mar
O sol no olhar
Meu primeiro amor
É uma oração.¹²

Em tão poucos versos, se enumeram as imagens “raios de luz”, “sol no olhar”, “oração”, marcando o lugar do enamorado em devoção ante sua deusa. Impossível não ouvir os ecos do amor trovadoresco, desde Petrarca até os petrarquistas mais recentes, cantando, em várias línguas de várias nacionalidades, a luz dos olhos das eternas amadas.

Le stelle, il cielo e gli elementi a prova
tutte le lor arti ed ogni estrema cura
poser nel vivo lume, in cui natura
si specchia, e' l sol ch' altrove par non trova.¹³

Ou como se expressou Jamil Almansur Haddad, o tradutor brasileiro:

As estrelas e o céu mui empenharam
Toda a sua arte e o seu grande cuidado
Para criar o lume sublimado
Em que sol e natura se espelharam.¹⁴

Entre os mais pródigos compositores a utilizarem a temática da idealização da mulher, Djavan é dos mais assíduos, inclusive também na utilização da imagística luminosa. Transcrevo versos de “Pétala”:

O seu amor reluz que nem riqueza
Asa do meu destino
Clareza do tino pétala, de estrela caindo bem devagar
Oh meu amor, viver
É todo sacrifício feito em seu nome
Quanto mais desejo, um beijo, um beijo seu
Muito mais eu sinto gosto em viver
Por ser exato, o amor não cabe em sí
Por ser encantado, o amor revela-se
Por ser amor, invade e fim.¹⁵

Se o amor é “asa do meu destino”, nos deparamos com a idéia de destinação que traz implícito um tempo anterior ou o tempo arcaico a se projetar no presente, em flagrante oposição à preferência pelo imediato e pela temporalidade curta, tão ao gosto da pós-modernidade líquida. Oposta à obsessão pós-moderna pelo prazer imediato é a afirmação de que “viver / é todo sacrifício feito em seu nome” (do amor).

É surpreendente que poetas e poetas compositores atuais elevem suas amadas a alturas celestiais, neste nosso momento de pleno pragmatismo onde reina a crise da ética, da religião (ou da religiosidade), da moral, da solidariedade.

De retorno a minhas perguntas

Quanto aos modelos estereotipados, estariam se repetindo ou renovando? Podemos ampliar a noção de estereótipo na modalidade de representação epistemológica de organização do mundo e ainda um metadiscurso que explique a natureza do que acontece ou do que deve acontecer. E também um interdiscurso que pode articular outros e mostrar o contorno da sociedade que o produz e do qual ele é parte, ao mesmo tempo que sustentador. Ou seja, um modelo forjado pelo gênero e que serve às estratégias do jogo de poder através da ideologia. Para Heleieth Saffiotti,

o estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminharão em outra direção. Não obstante, a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada.¹⁶

Mais do que uma condição que marca o aparelho psíquico da mulher, em sua dimensão de diferença sexual, tal como os estudos psicanalíticos demonstram, o modelo da supremacia do falo, a determinar a forma como se estabelecem as identidades de homens e mulheres e suas diferenças, é exatamente isto: um modelo, um estereótipo. Portanto, com toda a carga cultural de uma memória discursiva que, no mundo ocidental, assinala a história do patriarcado.

Fazendo parte deste estereótipo, está a outrora muito prestigiada rainha do lar, que sobrevive, embora sem a majestade da antiga coroa. As moderníssimas deusas das passarelas e das construídas poses de nudez compõem a outra face do modelo, em nova versão de obediência ao poder do macho, também hoje destituído da aura todo-poderosa do patriarca.

A Amélia que achava bonito não ter o que comer perde cada vez mais espaço, todavia, a força do estereótipo ainda oferece contorno à vítima que se imola em honra do falido provedor. As delegacias são pródigas nos casos de violência contra as mulheres e, mesmo feridas e estropiadas, muitas delas ainda defendem seus homens e retornam para a sua companhia.

Em qualquer dos casos, trata-se de mera “repetição” do modelo estereotipado inscrito nas relações de gênero, com relativas mudanças, ao sabor do fluxo histórico. Basicamente, repetição sem renovação.

Quanto às representações da mulher idealizada que também se “repetem”, com as relativas pequenas variações, não me parece caberem nos estreitos limites do estereótipo. Não se trata de um papel atribuído ou determinado ou imposto por instâncias do poder, como ocorre nas relações de gênero. Antes de mais nada, a mulher idealizada pertence ao reino mágico e livre da fantasia, uma criação do imaginário para substituir o impossível objeto perdido. Não estaríamos distantes do conceito

de repetição formulado por Freud, a que me referi anteriormente, como algo recalcado, mas que se expressa depois e se repete, sem o sujeito saber estar repetindo o conteúdo esquecido. A respeito das criações da mulher idealizada, estaríamos às voltas com um processo imaginário do eterno retorno, repetido retorno ao todo indiferenciado, retorno à união fusional de prazer e plenitude, longe da exaustiva atividade desejante. “Repetição”, sim, no entanto, em vez de reproduzir um modelo pressionado pela ideologia, como acontece nas relações de gênero, segue o movimento livre do desejo de reencontrar um caminho para a eterna vivência de satisfação dos primórdios, o almejado estado de quiescência atingido pelo Princípio de Nirvana.

Alguma renovação ou simples repetição de imagens?

Nas inumeráveis expressões da idealização da mulher e nas várias versões da sua esplendorosa presença, parece não haver nem ter havido renovação. A renovação poderia vir da influência de sua pureza para uma verdadeira renovação da sociedade decaída. O aparelho psíquico, capaz de engendrar tão alta criação, teria e tem condições para dar início a uma sociedade onde, além de prevalecer a igualdade de direitos e o respeito às diferenças, pudesse fazer cessar o “mal-estar da civilização”, estabelecendo a verdadeira consciência do estar-no-mundo e do ser-com.

Notas

¹ FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12. p. 193.

² In: LIMA, Jorge de. *Poesia Completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1. p. 170.

³ In: MATOS, Gregório de. *Obras completas*. Edição James Amado. Salvador: Editora Janaina, 1969. 7 v. p. 810.

⁴ In: ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 415.

⁵ Ibidem, p. 161.

⁶ VERCILLO, Jorge. Raios da manhã. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/jorge-vercillo/65563>>.

⁷ GUIMARAENS, Alphonsus de. In: PARENTE CUNHA, Helena. *Mulheres inventadas 1: visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 46.

⁸ PIXINGUINHA e SOUZA, Otávio de. Rosa. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/pixinguinha/30843>>.

⁹ ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Soneto do corpo. In: SAVARY, Olga. *Carne viva: primeira antologia brasileira de poemas eróticos*. Rio de Janeiro: Anima, 1984. p. 325.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 65.

¹¹ VELOSO, Caetano. Minha voz, minha vida. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/229038>>.

¹² AUGUSTO, César e PISKA. Meu primeiro amor. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/klb/66878>>.

¹³ In: PETRARCA, Francesco. *Canzoniere. Trionfi. Opere Latine*. 4. ed. Milão: Mondadorini, 1947. p. 49.

¹⁴ In: PETRARCA, Francesco. *Cancioneiro*. Ed. bilíngüe. Tradução Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967. p. 19.

¹⁵ DJAVAN. Pétala. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/djavan/11338>>.

¹⁶ SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. p. 40.

Resumo

O tema sobrevive desde os trovadores até hoje na MPB, apesar da vigência da emancipação sexual e do hedonismo. Essas representações se “repetem” com relativas pequenas variações, sem “renovação”. Como criação do imaginário masculino para substituir o “objeto perdido”, se aproxima do conceito de “repetição” (Freud) de algo recalcado que se expressa inconscientemente. “Repetição” não de modelo pressionado pela ideologia, mas expressão de um movimento livre do desejo de satisfação plena.

Palavras-chave

Mulher idealizada; repetição; renovação.

Abstract

The theme survives since the troubadours up to today in MPB (Brazilian Popular Music), despite sexual emancipation and hedonism being in vigor. Such representations are “recurrent” with relative variations, without “renewal”. As a creation from the male imaginary in order to replace the “lost object”, it is closer to the notion of “repetition” (Freud) of something repressed that is unconsciously expressed. Such a “repetition” is not of models imposed by ideology, but an expression of a free movement of the desire for full satisfaction.

Key words

Idealized woman; repetition; renewal.

Recebido para publicação em
11/05/2009

Aprovado em
12/06/2009